

PARA QUE SERVE A ESCRITA?

Freud escreve (-se)

Mauro Cordeiro Andrade
UFMG

RESUMO

Este texto é um estudo inicial das relações internas entre as circunstâncias do nascimento da Psicanálise, da vida de seu fundador, e de sua experiência de escrita. Aponta, particularmente, para a hipótese de um movimento comum da letra entre escrita, nascimento da Psicanálise, amor, sonho, morte, desaparecimento, desastre. Suas fontes são cartas e textos de Freud – e alguns estudos sobre estas mesmas fontes –, e o pensamento de Maurice Blanchot.

PALAVRAS-CHAVE

nascimento da psicanálise, Freud, escrita,
Maurice Blanchot

Perto do seu lugar andam a ser distribuídas cartas. Vamos admitir a hipótese de que o texto onde a mulher entra é uma dessas cartas. A identidade do seu redactor é irrelevante. O que importa é que a mulher a leia como lhe sendo expressamente dirigida. O que, de facto, faz. E fá-lo porque à beira de um túmulo era onde se encontrava a meditar sem saber. Túmulo aqui é a informação fundamental. Cismar, cismava imenso. Perto de que ponto, não sabia. A carta diz-lho. Túmulo também lhe sugere tálamo, o que a carta não assinalava, embora o não excluísse. Aliás, se excluísse essa ou outra associação, a carta negar-se-ia a si própria, interditando a acção de ler sobre a própria leitura.

Poderíamos nos inquietar, desde o início de um texto, pelo que ele nos traz em seu título. Esta inquietação é própria dessa situação tão singular – estar diante de um texto –, embora ela seja tão comum que freqüentemente se apague. O que já não poderíamos imaginar é que epígrafe e título pudessem compor o mesmo texto. *Mas como Freud poderia ter escrito isso?*

Já se dissera de Freud, que muito além de autor de livros, ele fora, antes, um fundador de discursividade. Fundador de uma ampliação das possibilidades não só discursivas, mas de pensamento, de pesquisa, de escrita, em um certo campo do conhecimento que se estabeleceu a partir de sua obra. A dicção, e ainda mais, uma certa dicção semântica de

Freud, talvez seja o que possa melhor nos conduzir aqui pelas fontes, sulcos, espaços, superfície e profundidade produtoras de significância a partir de sua obra. E talvez seja nestes *topoi* que possamos enfim ler alguma coisa. Alguma coisa por ele escrita. Como esta epígrafe, a princípio.

Seríamos tentados, em uma leitura rápida demais – aquela que acaba por impedir que se *veja* no que se lê, aquilo que se *escrevera* – a julgar que esta epígrafe fora escrita em outro tempo e lugar, por outro autor, em circunstâncias diversas, outro mote, outra pena, outro mundo. Mas o que nos chama aqui não é tempo, lugar, circunstâncias, discurso, mundo, ou autor: o que nos chama aqui, enfim, é a escrita. *Para que serve a escrita?*

Todo mundo acredita que eu me atenho antes de mais nada ao caráter científico de meu trabalho e que minha meta principal é o tratamento das enfermidades mentais. É um tremendo erro que tem prevalecido durante anos e que tenho sido incapaz de corrigir. *Eu sou um cientista por necessidade e não por vocação. Sou, na verdade, por natureza, artista [...]* e disso existe uma prova irrefutável: em todos os países onde a Psicanálise tem penetrado, tenho sido melhor compreendido e aplicado pelos escritores e artistas que pelos médicos. *Meus livros, de fato, se parecem mais a obras de imaginação que a tratados de patologia [...]* *Eu tenho podido cumprir meu destino por uma via indireta e realizar meu sonho: seguir sendo um homem de letras, mesmo que sob a aparência de um médico.* Em todo grande homem de ciência está o gérmen da fantasia; mas nenhum propõe, como eu, traduzir a teorias científicas a inspiração que a Literatura moderna oferece. Na Psicanálise, o senhor encontrará reunidas, mesmo que transformadas em jargão científico, as três grandes escolas literárias do século XIX: Heine, Zola e Mallarmé estão reunidos em minha obra sob o patrocínio de meu velho mestre, Goethe.¹

Cumprir um destino por via indireta. Realizar o sonho. Seguir sendo um homem de letras. Estamos diante de uma carta da maturidade, e o escritor se pronuncia da altura de seu percurso, e da profundidade de seu ser. Carta, sonho e letras; destino, desvio e perseverança. Tais poderiam ser, aqui, as pegadas e as balizas, as lanternas e os letreiros a nos conduzir através da escrita de Freud.

Não é recente nem surpreendente o fato de diversos estudiosos assinalarem a importância das cartas na obra freudiana. Algumas delas integram a edição mais difundida e disponível de suas *Obras completas*, e muitas outras foram editadas em volumes autônomos. Sabe-se, portanto, que Freud escrevera, durante toda a sua vida, simultaneamente, trabalhos científicos e cartas, além de outros “gêneros”: introduções, prefácios, discursos...

Antes mesmo do jovem médico neurologista, que desde já iniciara as publicações de seus trabalhos científicos, bem ao formato acadêmico, ele já escrevia..., escrevia cartas. O rumo tomado pelos “trabalhos científicos”, em meio a seus escritos, é de domínio público e vem, há mais de um século, sendo objeto de uma das mais extensas exegeses da cultura contemporânea. Fazemos alusão aqui, tão somente, à evolução e ao deslocamento que esses trabalhos vieram a sofrer ao longo de toda uma vida de trabalho e escrita, e que, enfim, representam a expressão de sua obra, tal como hoje é conhecida. Da ciência positivista de então, a uma nova ciência – novo campo discursivo –, com os acentos que

¹ Entrevista de Sigmund Freud ao escritor italiano Giovanni Papini, realizada em Viena, em maio de 1934. ANSERMET. Prefácio. In: GROSRIECHARD. *La psychose dans le texte*, 1989.

ele mesmo nos diz na primeira carta aqui apresentada. Em poucas palavras: um novo discurso (“ciência”) atravessado senão pela Literatura, pelas letras com que o autor, o homem, ele próprio, se nomeia. E uma ciência que jamais poderá prescindir de uma necessidade que é de estrutura: ela só se faz se, ao mesmo tempo, luta por sua sobrevivência. Ou, sua sobrevivência, assim como sua aceitação e difusão dos primeiros tempos, lhe impõe incessantemente sua própria construção, reconstrução, até mesmo sua morte, num caminhar que não é outro que o da própria Literatura: a Psicanálise caminha para sua própria origem, ou seja, para o seu desaparecimento.

Mas comecemos pelo interesse que suas cartas possam nos despertar. Ouçamos aqui outro Freud, Ernest L., filho do primeiro, Sigmund. No prefácio à edição brasileira das *Letters of Sigmund Freud*, ele nos diz:

Como escritor de cartas meu pai era extraordinariamente prolífico e consciencioso, ocupando-se sozinho de sua volumosa correspondência e escrevendo a mão. Respondia a todas as cartas que recebia, fossem de quem fossem, e em geral sua resposta estava no correio em 24 horas. Dedicava suas noites aos escritos científicos, mas cada minuto livre entre as análises era consagrado à correspondência. A estrita observância dessa rotina durante toda a sua longa vida teve como resultado alguns milhares de cartas.

O material deste volume não foi selecionado de um ponto de vista biográfico, nem inclui qualquer das cartas que tratam inteiramente da teoria e da prática da Psicanálise. Ernest Jones, no livro *Vida e obra de Sigmund Freud*, já escreveu a biografia definitiva com base nas cartas que estavam à sua disposição. A correspondência com Wilhelm Fliess permitiu a Ernst Kris publicar suas *Origens da Psicanálise*. E, finalmente, a coleção completa entre Freud e seus primeiros colaboradores (Abraham, Eitington, Ferenczi, Jones, Jung, Pfister, Rank e Sachs) será sem dúvida usada no futuro como matéria-prima de um trabalho abrangente sobre o desenvolvimento do movimento psicanalítico.²

O alcance da apreciação do filho, sobre parte da obra do pai, fica bem aquém de nosso interesse aqui, embora nos traga algumas informações. Na primeira parte, lemos o que vários estudiosos chamam de uma “compulsão a escrever”: Freud escrevia “compulsivamente”. Na segunda parte, ficamos sabendo que a “biografia definitiva” já fora escrita com base nas cartas, assim como outro livro sobre as origens, e ainda, que muitos outros advirão, em estudos sobre os movimentos da obra. Ou seja, não há como deixar de impressionarmo-nos com a importância das cartas no que é conhecido como a obra de Freud. É mais ainda diante daquilo que em sua essência pode configurar, em sua própria impossibilidade, a possibilidade da obra: a escrita.

Vejamos como Freud se pronuncia, numa carta a Fliess, sobre uma certa errância, e ao mesmo tempo uma força interna, própria, de sua escrita:

Eis aqui alguns resíduos de minha última investida. Eu só consigo compor os detalhes no processo de escrever. Esse processo segue completamente os ditames do inconsciente, segundo o bem conhecido princípio de Itzig, o cavaleiro de domingo: “Itzig, aonde você vai?” “E eu sei? Pergunte ao cavalo.” Eu nunca comecei um único parágrafo sabendo de antemão aonde terminaria.³

² FREUD. *Correspondência de amor e outras cartas*, p. 5-6.

³ MASSON. *A correspondência completa de Sigmund Freud para Wilhelm Fliess; 1887-1904*, p. 320.

E em outra carta, mais tardia, de 1929, Freud nos revela também um sentido muito particular de relação com a escrita, agora em outra direção. Nela, o autor enfatiza a necessidade de escrever, em detrimento da importância do livro em questão, que chega mesmo a menosprezar. Trata-se, nada mais nada menos, de *O Mal-estar na civilização*, livro sobre o “antagonismo irremediável entre as exigências da pulsão e as restrições da civilização”.⁴ Em verdade, nele o autor nos apresenta um trabalho que sintetiza, organiza, articula diversos pontos já dispersos e presentes em outros momentos da construção de sua teoria. Eles ganham assim um novo formato, uma nova incidência enquanto disseminação de significância em sua obra. Trata-se, segundo Lacan, do “mal-estar da posição do homem no mundo”.⁵ Freud escreve a Lou Andréas-Salomé:

Caríssima Lou,

(...) Ana já lhe disse que estou trabalhando em algo e hoje escrevi a última frase que – na medida do possível, sem ter biblioteca – termina a obra. Trata da civilização, do sentimento de culpa, da felicidade e de temas elevados similares e me parece, sem dúvida com razão, inteiramente supérfluo, ao contrário de livros anteriores que sempre brotaram de alguma necessidade íntima. Entretanto, que mais posso fazer? Não se pode fumar e jogar baralho o tempo todo; já não sou muito bom para andar, e a maior parte do que leio já não me interessa. Escrevi, e ao fazê-lo o tempo passou de modo ameno. Ocupado nesta obra descobri as verdades mais banais.⁶

Escrever, aqui, sugere-nos uma necessidade íntima que se justifica por si só, ou não se justifica, mas que de qualquer forma se impõe. Mesmo que não se possa concordar com o julgamento de valor do próprio autor sobre o produto dessa escrita. Mas voltemos nosso olhar retrospectivamente, não para objetar a esta primeira impressão, mas para tentar compreender como ela inicia sua própria formação, no espírito do escritor.

O editor inglês das *Obras completas* esclarece-nos que um grande conjunto de documentos, relegados por Freud ao esquecimento, fora resgatado por uma de suas alunas e analisadas, na passagem dos anos 20 e 30. Trata-se da princesa Marie Bonaparte. Quando Freud teve conhecimento desse fato, censurou esse procedimento e quis ressarcir-la, na intenção de reavê-los e destruí-los. Mas a princesa não cedeu às pressões de seu mestre. Segue-se, na biografia escrita por Jones, toda a melodramática história do salvamento deste conjunto, em meio à perseguição nazista, já logo após a morte de Freud (em 1939). Alguns anos mais tarde, em Londres, Anna Freud e Ernst Kris estudaram, selecionaram e traduziram este material, que enfim veio à luz. Trata-se de grande parte do que conhecemos como *Publicações pré-psicanalíticas e esboços inéditos*, que, aliás, dá título ao primeiro volume da *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. Aí encontramos vários documentos enviados a Fliées no período entre 1887-1902. Fazem parte desse conjunto, cartas, rascunhos, esboços, e um grande manuscrito intitulado “Psicologia para Neurologistas”. Tudo isso só fora publicado em 1950, em uma primeira edição alemã feita em Londres, e, em 1954, em sua tradução inglesa.

⁴ FREUD. *O mal-estar na civilização*, p. 76.

⁵ LACAN. *O seminário. Livro 7: a ética da Psicanálise*, p. 51.

⁶ MASSON. *A correspondência completa de Sigmund Freud para Wilhelm Fliées; 1887-1904*, p. 452-3.

Assim Ernest Jones abre o capítulo “O período Fliess” de seu livro:

Chegamos aqui à única experiência realmente extraordinária da vida de Freud. [...] Para um homem já quase de meia-idade, bem casado e com seis filhos, nutrir uma amizade apaixonada por alguém intelectualmente inferior e durante anos subordinar seu juízo e opiniões aos desse outro homem – isso também é incomum, embora não inteiramente estranho. Mas esse homem se libertar seguindo um caminho jamais trilhado por qualquer ser humano, explorando, em uma tarefa heróica, sua própria mente inconsciente – isso é extraordinário no mais alto grau.⁷

O que nos parece também extraordinário é que parte tão importante de uma obra tenha sofrido tal peripécia. E, particularmente, um ponto bastante singular: aquele em que o autor se vê em luta, em meio ao trabalho de sua obra. O atravessamento de algo que, sem dúvida, nos remete aos movimentos no interior da obra, mas que nos fala do desaparecimento, da aniquilação, enfim, da morte. Mas, ainda, pensando num dos movimentos da obra, e lembrando, *en passant*, de outros exemplos de obras que apenas por um triz foram salvas do completo desaparecimento, ou da ausência das condições para sua emergência – Schreber, Kafka, Joubert... –, podemos nos indagar sobre a força de atração e repulsa desses escritos primordiais. Atração para todos os que se deixaram atravessar pelo interesse ou experiência da Psicanálise; repulsa para seu próprio autor e fundador. Isso só pode nos conduzir para um maior interesse sobre estes escritos. Aqui concordamos com Jones acerca da *extraordinária experiência*, mas suspeitamos que ela vá bem além do que está explicitado, tal como formulado por ele no início daquele capítulo.

A relação de Freud com Fliess foi sendo progressivamente compreendida ao longo dos últimos anos, como o verdadeiro campo onde fora possível a “auto-análise” de Freud. Termo provocante este, e cujas conseqüências são da maior importância, já que a questão se coloca de saída: como pode ter havido uma primeira análise? Uma análise *ex-nihilo*? (uma análise é condição *sine qua non* para a existência do analista) Ou como se dera a primeira análise? Ao mesmo tempo, “campo” não é palavra que nos diga coisas seguras, ou tão claras. Estaremos a pensar aqui em superfície e profundidade, em ampliação e condensação, em palavra e imagem, falar e escutar, em ler e escrever.

O período Fliess representa então um tempo em que se reconhece o extraordinário de uma experiência, e a que comumente é associada esta idéia, da análise de Freud. Mas é o tempo também de uma intensa atividade clínica, na qual os problemas trazidos por seus pacientes não tinham soluções prévias, ou as que se encontravam disponíveis afiguravam-se completamente insatisfatórias para um espírito como o de Freud. Foi um tempo de assombro diante da magnitude dos problemas nervosos – particularmente os histéricos –, e, ao mesmo tempo, do assombro diante das descobertas que seu profundo e acurado senso de observação e leitura dos fenômenos apresentados pelos doentes lhe proporcionava. Diante da descoberta, escrever. Escrever o que se lê. Escrever o que se vê. Escrever o que não se sabe de antemão. Os documentos desta época atestam uma febril atividade de trabalho em todas estas frentes. É ainda o tempo de diversos escritos que carregaram a marca do

⁷ JONES. *A vida e a obra de Sigmund Freud*. p. 292.

desaparecimento, e, extraordinariamente, o tempo da escrita e da publicação, daquela que é considerada a primeira obra verdadeiramente psicanalítica: *A interpretação dos sonhos*.

Estamos novamente diante de cartas, sonhos, letras, associação (auto-análise), ler e escrever. Podemos nos indagar aqui sobre a força que impulsionava, e sempre impulsionou Freud na escrita das cartas. Poderíamos pensar que elas constituem, de certa forma, uma espécie de diário, onde o destinatário é um outro imaginariamente definido, em vez de um Outro que normalmente fica elidido nos diários. E para que servem os diários? Blanchot nos diz que servem para que o escritor se lembre de si mesmo, na perdição em que se encontra, irrevogável, de escrever. De qualquer maneira, cartas ou diário encerram, sem dúvida, movimentos muito próprios no interior da mais singular experiência que é a própria falta de movimento: a passividade da escrita. Assim Blanchot nos fala de passividade e escrita:

Se há relação entre escrita e passividade é porque uma e outra supõem o apagamento, a extenuação do sujeito: supõem uma mudança de tempo: supõem que entre ser e não ser algo que não se cumpre no entanto acontece como se houvesse ocorrido desde sempre – a desocupação do neutro, a ruptura silenciosa do fragmentário⁸

Algumas cartas deste período são enfáticas por si mesmas, e podemos acompanhar, na sucessão de alguns fragmentos delas, a intensidade e a gravidade da esfera subjetiva em que Freud trabalhava no “Projeto” (aquele primeiro grande manuscrito, *quase* desaparecido) de acordo com a introdução do editor inglês a este livro (“Projeto para uma Psicologia Científica” – nome dado pelos editores ingleses):

Sinto-me literalmente devorado por ela (A “psicologia para Neurologistas”), a ponto de ficar exausto e me ver obrigado a interromper. Nunca passei por uma preocupação tão grande assim. E dará algum resultado? Espero que sim, mas é um trabalho difícil e lento. (27.04.1895, carta 23).

Venho dedicando todos os meus minutos livres dessas últimas semanas a esse trabalho; passo as noites, desde as onze até as duas da madrugada, a imaginar, comparar e fazer conjecturas desse gênero; e só desisto quando chego a uma conclusão absurda ou fico irremediavelmente exausto... Mas você ainda terá que esperar muito tempo por qualquer resultado. (25.05.95, carta 24).

a construção psicológica parece em vias de obter êxito, o que me daria enorme prazer... (12.06.95, carta 25).

após longas reflexões, creio ter chegado à compreensão da defesa patológica... (06.08.95, carta 26).

Tive uma estranha experiência com a minha $\Phi\psi\omega$ ⁹. Pouco depois de comunicar a você a sensacional novidade, (...) eis que esbarrei em novas dificuldades e constatei que não me restava fôlego suficiente para a nova tarefa. (...) A “Psicologia” representa, positivamente, uma cruz para mim. Seja como for, jogar boliche e colher cogumelos são atividades muito mais saudáveis. (...) Agora não quero mais ouvir falar nisso. (16.08.95, carta 27)

⁸ BLANCHOT. *L'Écriture du désastre*, p. 29-30. (tradução livre; “desocupação” traduz aqui *désœuvrement*, conceito fundamental no pensamento de Blanchot sobre a obra).

⁹ Assim Freud denominava, no “Projeto” – sua primeira tentativa de sintetizar os conhecimentos de que já dispunha para a elaboração de uma teoria do aparelho psíquico –, os três grupos de neurônios fundamentais que estruturam este aparelho.

enquanto ainda estava no trem, comecei um breve resumo da minha Fyw para submeter à sua apreciação. Já tenho um volume considerável, de meros rabiscos, é lógico, mas que espero sirva de base para seus acréscimos e comentários, nos quais deposito grande esperança. Meu cérebro descansado agora encara como brincadeira as dificuldades acumuladas. (23.09.95, carta 28).

elas foram inteiramente rascunhadas depois de minha volta e lhe dirão pouca coisa a título de novidade. Conservei comigo um terceiro caderno, que trata da psicopatologia do recalçamento, porque ele só leva o assunto até certo ponto. A partir daí, vi-me forçado a reiniciar todo o trabalho em esboços e tenho estado ora orgulhoso e contente com ele, ora envergonhado e deprimido (cadernos enviados a Fliess em 08.10.95, e carta 29).

Durante uma noite em que estive muito ocupado...de repente as barreiras caíram por terra, os véus se desfizeram e me foi possível enxergar desde os detalhes das neuroses até os determinantes da consciência. (20.10.95, carta 32).

Já não posso compreender o estado de ânimo em que concebi a “Psicologia”; nem consigo entender como fui capaz de importunar você com isso. (29.11.95, carta 36).¹⁰

O editor comenta ainda que, em carta de 1º de janeiro de 1896, Freud remete a Fliess uma extensa revisão de partes fundamentais do “Projeto”. Mas desde então, surpreendentemente, este manuscrito fora abandonado pelo autor e relegado ao esquecimento, até ser descoberto e publicado, mais de cinquenta anos depois! “Só que as idéias nele contidas persistiram e, por fim, floresceram nas teorias da Psicanálise”.¹¹ Uma escrita quase convulsiva, como um jato que se precipita, para fora, ainda dentro do trem, de volta de uma viagem, que fizera ao encontro do amigo. Vejamos como Lacan a ele se refere:

(...)O *Entwurf* tem um lugar eminente.

O *Entwurf* é extremamente revelador de uma espécie de embasamento da reflexão freudiana.¹²

Esse texto é, sem dúvida alguma, como ouvirão dizer, difícil, mas também é apaixonante. Em alemão é um texto de um brilho, de uma pureza..., um primeiro jato ainda sensível, totalmente espantoso.

(...) – é a primeira contenda de Freud com o próprio *pathos* da realidade com a qual ele lida em seus pacientes. É isto – perto dos quarenta anos ele descobre a dimensão própria, a vida significativa, dessa realidade.¹³

A importância dada aqui a esta verdadeira apoteose na construção do “Projeto” – afinal um livro póstumo – é devida a tantos outros fatos marcantes que têm lugar na mesma época. Foi um período em que, além da intensa atividade clínica, Freud encontrava-se profundamente envolvido com descobertas – tão singulares, enigmáticas e candentes quanto às de seus pacientes – de sua própria vida mental. Intrigado com a realidade dos sonhos (*pelo menos desde 1882*), parte em seu desvelamento. E, em nota de rodapé a um caso clínico, incluído numa publicação do período 1893-1895 (o caso de Emmy von N.), e citado pelo editor inglês na Introdução da parte I de *A interpretação de sonhos*, ele nos

¹⁰ FREUD. *Projeto para uma Psicologia Científica*, p. 387-90.

¹¹ FREUD. *Projeto para uma Psicologia Científica*, p. 390.

¹² LACAN. *O seminário. Livro 7: a ética da Psicanálise*, p. 48.

¹³ LACAN. *O seminário. Livro 7: a ética da Psicanálise*, p.50. (*Entwurf* é o nome alemão do “projeto”).

revela o impressionante e até mesmo bizarro procedimento, de que lança mão, para melhor ter acesso a seus próprios sonhos:

Durante várias semanas, vi-me obrigado a trocar minha cama habitual por uma mais dura, na qual tive sonhos mais numerosos ou mais nítidos, ou na qual talvez não teria conseguido atingir a profundidade normal do sono. No primeiro quarto de hora depois de acordar, recordava-me de todos os sonhos que tivera durante a noite e me dei ao trabalho de anotá-los e tentar solucioná-los.¹⁴

A preocupação com os sonhos conduzirá Freud, após o abandono do “Projeto”, e já em um momento diferente de sua escrita, a pôr novamente mãos à obra, praticamente sem intervalo. “A *Interpretação dos Sonhos*, por exemplo, foi concluída, em todos os seus aspectos essenciais, no começo de 1896, mas só foi escrita no verão de 1899”.¹⁵ Ainda segundo o editor inglês, ele escreve: “Minha *Interpretação dos Sonhos* e meu ‘Fragmento da Análise de um Caso de histeria’ (1905)... foram sustados por mim – senão durante os nove anos impostos por Horácio, ao menos por quatro ou cinco anos, antes que eu permitisse que fossem publicados.”¹⁶

Assim vamos obtendo variadas informações, tanto nas cartas, quanto do editor inglês, sobre os processos de tamanha complexidade que envolviam a escrita de Freud. Se o livro sobre os sonhos já estava concluído em 1896, por que só fora publicado em 1899? O que e onde se escrevia, no intervalo entre o esquecimento de um manuscrito, onde se despendera tanta energia, e a idéia, e o desejo de um novo livro? Sabemos que as Seções 19, 20 e 21 do “Projeto” constituem uma primeira abordagem de uma teoria coerente dos sonhos, e toda uma página sobre o histórico da “Interpretação dos Sonhos” do editor inglês analisa pormenorizadamente as intensas relações entre um e outro escrito.¹⁷ Não é para nós irrelevante o fato de um ter sido esquecido e outro ter sido publicado. Onde exatamente operariam “os nove anos impostos por Horácio”, prescrevendo aguardar a publicação?

Além das influências de Fliess sobre a forma final do livro – que podem ser supostas pela insistência com que o autor lhe enviava os fragmentos –, o que aparece de forma mais contundente nas cartas é uma autocrítica do próprio Freud sobre seu trabalho. Assim, em 21.09.99 ele escreve:

Creio que minha autocrítica não era de todo injustificada. Oculto em alguma parte de mim, também eu tenho um senso fragmentário da forma, uma apreciação da beleza como uma espécie de perfeição; e as frases complicadas de meu livro sobre os sonhos, apoiadas em expressões indiretas e com visões oblíquas de seu conteúdo, ofenderam gravemente algum ideal dentro de mim. E é difícil que eu esteja errado em considerar essa falta de forma como sinal de um domínio incompleto do material¹⁸

¹⁴ FREUD. *A interpretação de sonhos* (parte I), p. 22.

¹⁵ FREUD. *A interpretação de sonhos* (parte I), p. 21. (Introdução do editor inglês).

¹⁶ FREUD. *A Interpretação de sonhos* (parte I), p. 21.

¹⁷ Cf. FREUD. *A Interpretação de sonhos* (parte I), p. 22.

¹⁸ FREUD. *A Interpretação de sonhos* (parte I), p. 26.

Impossibilidade de alcançar o ideal – particularmente explicitado quanto à forma –: continuidade do movimento da obra. A primeira edição do livro foi um fracasso em termos editoriais, e a ela seguiu-se uma depressão de seu autor. O editor ainda conclui: “A *Interpretação dos Sonhos* sempre foi considerada por Freud como sua obra mais importante”,¹⁹ além de ter sido a que mais modificações sofrera em suas sucessivas edições, em geral no sentido de “atualizações”, mas também com supressões, trocas de trechos no corpo da obra por nota de rodapé, e vice-versa, e finalmente a extensa bibliografia, que acabou ficando a cargo de um de seus discípulos, a partir da quarta edição.

Sem dúvida, um livro emblemático. Um livro construído no esforço de outra construção: a do aparelho psíquico, ao qual são freqüentes metáforas como escrita criptográfica, texto, Escritura, manto tecido. E apesar da insatisfação do autor com aspectos de seus resultados, não há dúvida quanto à sua relação com este livro: “Um discernimento como esse, só acontece uma vez na vida”.²⁰

Mas por que tamanha importância? Também para nós, que nos encontramos ainda diante da pergunta sobre a escrita?

André Green já havia observado que, enquanto Schreber delirava e se observava delirar, Freud sonhava e se observava sonhar, ambos sob a irrevogável atração da pena, da escrita.²¹ E é sobremaneira curiosa a explicação que Freud nos dá, no prefácio à primeira edição de seu livro, para que tenha utilizado nele, como exemplos, os seus próprios sonhos, e não os de seus pacientes. É que, no caso dos sonhos de seus pacientes, eles viriam contaminados com outros elementos, pelo fato de serem todos neuróticos! E declara ter revelado ao público “maior número de aspectos íntimos de minha vida mental do que gostaria, ou do que é normalmente necessário para qualquer escritor que seja um homem de ciência e não um poeta”.²²

Como sabemos, este livro é largamente povoado por alguns dos sonhos de Freud, e tudo isso articula a alta complexidade dos processos subjacentes à sua construção. Freud deseja e trabalha intensamente; sonha, interpreta-se e escreve a *Fliess*; além destas cartas, escreve um tratado sobre o aparelho psíquico – verdadeira metáfora de um aparelho de escrita – e seu funcionamento. Abandona, retoma, escreve, reescreve. Sonha e escreve: analisa-se e escreve.

No prefácio à segunda edição, no verão de 1908, reafirma a relação que o liga a este livro, e acrescenta uma revelação da maior relevância:

Durante os longos anos em que venho lidando com o problema das neuroses, muitas vezes estive em dúvida e tive minhas convicções ocasionalmente abaladas. Nessas ocasiões, foi sempre a *Interpretação dos Sonhos* que me restituiu a certeza. Idêntica durabilidade e capacidade de resistir a quaisquer alterações amplas durante o processo de revisão foram demonstradas pelo *material* do livro, que consiste em sonhos produzidos por mim mesmo (...).

¹⁹ FREUD. *A Interpretação de sonhos* (parte I), p. 27.

²⁰ FREUD. *A Interpretação de sonhos* (parte I), p. 38. (Prefácio à terceira edição inglesa, de 15.03.31).

²¹ Cf. GREEN. *Transcription d'origine inconnue*, p. 38.

²² FREUD. *A Interpretação de sonhos* (parte I), p. 29.

Pois este livro tem para mim, pessoalmente, outra importância subjetiva – uma importância que só aprendi após tê-lo concluído. Ele foi, como verifiquei, parte de minha própria auto-análise, minha reação à morte de meu pai – isto é, ao evento mais importante, à perda mais pungente da vida de um homem. Tendo descoberto que assim foi, senti-me incapaz de obliterar os vestígios dessa experiência.²³

Isto nos sugere que a perda mais pungente da vida de um homem tenha alguma relação com o evento mais importante. Parece que naquele momento, momento em que Freud é atravessado também por esta experiência – a morte do pai –, enquanto sonhava e escrevia, já consegue simbolizar a pura borda possível desse real: a perda mais pungente não destituiu a importância do evento. [Seu pai falecera em 1896] Operação que sua obra faz incidir em toda a cultura, uma vez que estabelece exatamente os fundamentos da possibilidade de simbolização de algo do real, por uma via absolutamente nova na civilização: a Psicanálise. Blanchot, referindo-se à escrita como desastre – queda do astro –, assim a articula com a morte: “o desastre não é maiúsculo, talvez torne vã a morte; não se sobrepõe, ainda que o supra, ao intervalo de morrer”.²⁴ E talvez possamos aqui, ainda, ler a gravidade das articulações internas deste evento, entre morte, perda, simbolizar a morte do pai, e escritas (sonho, aparelho de escrita, escrita propriamente dita).

Diante do túmulo, ainda perseverar: desejar, sonhar, analisar..., escrever. Amar, viver, morrer..., escrever. O desejo no sonho, o amor na transferência, àquele outro, destinatário de tantas cartas, tantas letras. Enfim o deslizamento entre *tálamo*, leito do amor, e *túmulo*, e a *tálamo* novamente. A história de um amor.

Singular trajetória dessas letras. As descobertas, a fundação, a primeira Psicanálise. A “auto-análise” só fora possível, não pela presumida destinação da letra – Fliess –, mas pelo movimento próprio que ela, letra, encerra, e em uma de suas realizações, como escrita. A história nos revela que o “destinatário” logo a seguir cai: a amizade se desfaz, Fliess sai da vida de Freud. O movimento da letra permanece – movimento da obra – e segue sua êxtima (íntima/exterior) destinação: a permanência de sua construção, a insistência de sua possibilidade, na precisa medida de sua impossibilidade.

Perto do seu lugar andam a ser distribuídas cartas. Vamos admitir a hipótese de que o texto onde a mulher entra é uma dessas cartas. A identidade do seu redactor é irrelevante. O que importa é que a mulher a leia como lhe sendo expressamente dirigida. O que, de facto, faz. E fá-lo porque à beira de um túmulo era onde se encontrava a meditar sem saber. Túmulo aqui é a informação fundamental. Cismar, cismava imenso. Perto de que ponto, não sabia. A carta diz-lho. Túmulo também lhe sugere tálamo, o que a carta não assinalava, embora o não excluísse. Aliás, se excluísse essa ou outra associação, a carta negar-se-ia a si própria, interditando a acção de ler sobre a própria leitura.²⁵



²³ FREUD. *A Interpretação de sonhos* (parte I), p. 31-2.

²⁴ BLANCHOT. *L'Écriture du désastre*, p. 9.

²⁵ LLANSOL. *Parasceve*, p. 148.

RÉSUMÉ

Cette texte entreprend une étude initiale des rapports entre les circonstances de la naissance de la psychanalyse, de la vie de son fondateur, et de son expérience de l'écriture. Il signale, surtout, l'hypothèse d'un mouvement commun de la lettre entre écriture, naissance de la psychanalyse, amour, rêve, mort, disparition, désastre. Les sources utilisées sont des lettres et des textes de Freud – y inclus quelques commentaires de ces documents –, et la pensée de Maurice Blanchot.

MOTS-CLÉS

naissance de la psychanalyse, Freud, écriture, Maurice Blanchot.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ANSERMET, François. Prefácio. In: GROSRICHARD, Alain (Org.). *La psychose dans le texte*. Paris: Navarin, 1989. Trad. Ana Paula Ávila Pinto (inédito).
- BLANCHOT, Maurice. *L'Écriture du desastre*. Paris: Éditions Gallimard, 1980.
- FREUD, Sigmund. *A Interpretação de Sonhos* (parte I). Rio de Janeiro: Imago, 1987. (Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, 4).
- FREUD, Sigmund. *Correspondência de amor e outras cartas (1873–1939)*. Trad. Agenor Soares dos Santos. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1982.
- FREUD, Sigmund. *O Futuro de uma Ilusão* O Mal-estar na Civilização e outros trabalhos. Rio de Janeiro: Imago, 1987. p. 74-279: O Mal-estar na Civilização. (Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, 21).
- FREUD, Sigmund. *Publicações pré-psicanalíticas e esboços inéditos*. Rio de Janeiro: Imago, 1987. p. 385-529: Projeto para uma Psicologia Científica. (Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, 1).
- GREEN, André. Transcription d'origine inconnue. In: *Écrire la psychanalyse*, Nouvelle Revue de Psychanalyse. Paris: Gallimard, n. 16, p. 27-63, automne 1977.
- JONES, Ernest. *A vida e a obra de Sigmund Freud*. Trad. de Júlio Castañon Guimarães. Rio de Janeiro: Imago, 1989. Vol. I (Série Analytica)
- LACAN, Jacques. *O Seminário. Livro 7: a ética da Psicanálise (1959–1960)*. Texto estabelecido por Jacques-Alain Miller. Versão brasileira de Anônio Quinet. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1991.